



1ª conferência | 16.08.2010

Psychoanalytic Inquiry (2004), Vol. 24, pp. 542-557

Reflexões autobiográficas a partir de uma história intersubjetiva sobre a perspectiva intersubjetiva em psicanálise

Robert D. Stolorow, Ph. D.<sup>1</sup>

Este artigo traça a evolução da perspectiva intersubjetiva do autor, registrando quatro décadas de relações formativas que contribuíram para a sua criação.

Meu desenvolvimento como teórico e clínico da psicanálise é co-extensivo com a evolução de uma perspectiva psicanalítica que vim a chamar de Teoria dos sistemas intersubjetivos. Fiel a essa perspectiva, a história de sua evolução que se segue é, em grande parte, uma história de relações formativas - com professores, com mentores e, principalmente, com estimados colaboradores. (Uma omissão importante aqui é o profundo impacto de meus relacionamentos com pacientes.)

As raízes intelectuais da minha perspectiva psicanalítica recuam para o período dos meus estudos de doutorado em psicologia clínica na Universidade de Harvard, de 1965-1970. Durante esse período Harvard era um lugar maravilhoso para um psicólogo clínico crescer intelectualmente. O programa de psicologia clínica, na realidade, não fazia parte de um departamento de psicologia, mas funcionava no Departamento de Relações Sociais que havia sido criado a partir de quatro disciplinas - sociologia, antropologia cultural, psicologia social e psicologia da personalidade – por destacados acadêmicos que tinham um interesse comum e experiência em psicanálise. Assim, em vez de estudar psicologia experimental de ratos, tive o privilégio de aprender sobre a teoria dos sistemas sociais de

---

<sup>1</sup> Robert D. Stolorow, Ph.D. é Membro Fundador Docente e Analista Didata e Supervisor do Instituto de Psicanálise Contemporânea, Los Angeles, e Membro Fundador Docente do Instituto de Psicanálise para o Estudo da Subjetividade, Nova York.

Talcott Parsons, cultura e personalidade de John Whitting, e epigénese e formação de identidade de Erik Erikson.

O programa de psicologia clínica em Harvard foi o primeiro e último reduto de uma tradição acadêmica na psicologia da personalidade conhecida como personologia. Essa tradição, fundada por Henry Murray na Clínica de Psicologia de Harvard na década de trinta, tinha como premissa básica a argumentação de que o conhecimento da personalidade humana pode ser obtido apenas através do estudo sistemático e profundo do indivíduo. Esta ênfase no “ideográfico” ao invés de na pesquisa “nomotética” foi uma mudança radical na filosofia da ciência que então dominava, e continua a dominar, a psicologia acadêmica nos Estados Unidos. A personologia de Murray atraiu um grupo de alunos excepcionalmente criativos, muitos dos quais contribuíram para o seu magnum opus (grande obra), Explorations in Personality (Murray, 1938), um clássico no campo da psicologia da personalidade. Dois dos seguidores mais influentes de Murray foram Robert White e Silvan Tomkins.<sup>2</sup>

Meus dois principais mentores durante meus estudos de doutorado foram White e Irving Alexander, professor visitante e protegido de Tomkins. Com White participei de seminários sobre a teoria freudiana e neo-freudiana e sobre o estudo de vidas, o que me levou a adquirir um interesse permanente na compreensão da singularidade do mundo experiencial de cada indivíduo. Alexander nos ensinou avaliação psicológica como ele havia aprendido com Tomkins. Em vez de nos preparar para fazer testes psicológicos em hospitais, seu curso consistiu em estudar um indivíduo durante o ano todo por meio de uma variedade de métodos (análise de material autobiográfico, entrevistas em profundidade, testes projetivos, etc.). A ênfase, novamente, foi a investigação sistemática do mundo psicológico singular do indivíduo.

---

<sup>2</sup> Para os psicanalistas, White é conhecido por sua teoria da motivação de efeito e Tomkins por suas influentes contribuições para a teoria dos afetos (uma ênfase que se tornou central na teoria dos sistemas intersubjetivos). Menos bem conhecido é o fato de que ambos eram os maiores colaboradores do movimento personológico acadêmico na psicologia da personalidade. A história do movimento personológico em Harvard é narrada na publicação particular de White (1987) Memoir. Foram meus estudos com White que levaram à publicação do meu primeiro artigo sobre teoria psicanalítica (Stolorow, 1969).

Infelizmente, a aposentadoria de White em 1968 foi, virtualmente, um golpe mortal para a personologia em Harvard, porém foram feitas tentativas de reviver a tradição em outros ambientes. Antes de narrar uma tentativa nesse sentido, eu preciso primeiro relatar o impacto da minha formação psicanalítica.

Busquei minha formação em psicanálise de 1970 – 1974 no Instituto de Psicanálise do Centro de Pós-Graduação em Saúde Mental, em Nova York, um dos poucos institutos em psicanálise nos Estados Unidos que naquela época oferecia a formação integral para psicólogos e assistentes sociais, juntamente com psiquiatras. Desde o início eu estava insatisfeito com a lentidão e falta de rigor intelectual das aulas didáticas, e estudei muito por conta própria. Por exemplo, durante o meu primeiro ano fiz uma leitura atenta das obras completas de Freud, excluindo os artigos em psicanálise aplicada e seus artigos pré-Estudos sobre a histeria. A orientação teórica dominante no instituto era a psicologia freudiana do ego, e eu devorava avidamente os escritos de autores como Anna Freud, Hartmann, Mahler, Jacobson, Loewald, Sandler, Kernberg, Rapaport, Schafer, G. Klein, e Gill, juntamente com um punhado de Horney, Fairbairn e Winnicott. Durante o meu primeiro ano como candidato, freqüentei um curso de Frank Lachmann que, no ano seguinte, tornou-se o supervisor de um dos meus casos analíticos. Frank foi de longe o meu melhor professor e supervisor, mostrando uma notável capacidade de extrair as implicações das diferentes idéias teóricas para a elaboração de intervenções analíticas específicas. Em seu curso, ele introduziu os trabalhos clínicos iniciais de Kohut (1966, 1968) sobre o narcisismo e o tratamento dos transtornos narcísicos da personalidade, contribuições que deixaram uma marca permanente em minha sensibilidade clínica. Um grupo de candidatos descontentes, inclusive eu e meus bons amigos James Fosshage e Peter Buirsky, insatisfeitos com o curso do instituto, contratamos Frank para organizar um grupo de estudos particular, que se concentrou durante dois anos em leituras psicanalíticas sobre o narcisismo e o masoquismo. Como resultado direto da participação naquele grupo de estudos, escrevi e publiquei meus dois primeiros principais artigos psicanalíticos, “Rumo a uma definição funcional do narcisismo” (Stolorow, 1975b) e “A função narcísica do masoquismo (e do sadismo)” (Stolorow, 1975a). Meu esforço nesses artigos foi o de libertar as idéias pioneiras de Kohut sobre a fenomenologia do narcisismo e distúrbio narcísico de sua ancoragem nos pressupostos mecanicistas da teoria clássica das pulsões. Frank e eu logo começamos a colaborar em uma série de artigos clínicos sobre os “pré-estágios de desenvolvimento da defesa”. Estes, juntamente com meus artigos sobre o narcisismo, foram coletados no nosso livro Psicanálise das paradas do

desenvolvimento (Stolorow e Lachmann, 1980), um livro que juntamente com um artigo posterior (Stolorow e Lachmann, 1984/1985) redefinindo a transferência como atividade organizadora inconsciente, estabeleceu ambos de nós como teóricos clínicos.

Volto agora para a influência da personologia de Murray no meu desenvolvimento psicanalítico. Uma tentativa de reviver a tradição personológica ocorreu em 1972. Enquanto ainda era candidato, fiquei interessado em buscar uma carreira acadêmica em psicologia e soube de uma vaga na Universidade de Rutgers, onde Tomkins e George Atwood, que havia sido profundamente influenciado por Tomkins, eram docentes de psicologia. Lembro-me de uma conversa telefônica em que Tomkins me pediu para vir para Rutgers porque, como ele colocou, comigo na faculdade haveria uma “massa crítica” para a criação de um programa em personologia. Passei a fazer parte do corpo docente de Rutgers, e embora tenha havido várias reuniões dedicadas ao planejamento de um novo programa de doutorado orientado para a personologia em psicologia da personalidade, o programa nunca decolou. O único resultado concreto desses esforços, um resultado muito significativo para mim, foi uma série de estudos colaborativos, primeiro entre Atwood e Tomkins e, em seguida, entre Atwood e eu. Atwood e Tomkins (1976) escreveram um artigo fundamental, “On the Subjectivity of Personality Theory”, que foi publicado em um periódico bastante obscuro,

The Journal of the History of the Behavioral Sciences. A premissa básica deste artigo, que os autores viram como uma contribuição para a psicologia do conhecimento era a de que toda teoria psicológica tem raízes na vida psicológica do teórico, e que a ciência da psicologia da personalidade “pode alcançar um maior grau de consenso e de generalidade somente se começa a voltar sobre si mesma e questionar suas próprias bases psicológicas”(p. 166).

George logo se estabeleceu como meu irmão-de-alma, meu melhor amigo e colaborador, o que ele permanece. No início e meados dos anos 1970, após escrevermos um breve primeiro artigo sobre fantasias messiânicas de salvação (Stolorow e Atwood, 1973), iniciamos uma série de estudos psicobiográficos das origens pessoais e subjetivas dos sistemas teóricos de Freud, Jung, Reich, e Rank, estudos que formaram a base de nosso primeiro livro Faces in a Cloud: Subjectivity in Personality Theory<sup>3</sup> (Stolorow e Atwood, 1979), que foi concluído

---

<sup>3</sup> Este título deriva de uma passagem escrita por Murray que se tornou a epígrafe do nosso livro, na qual ele comparou os psicólogos de diferentes correntes teóricas com pessoas que enxergam rostos diferentes na mesma formação de nuvens, dependendo da sua tendência de percepção inicial.

em 1976. A partir desses estudos concluímos que uma vez que as teorias psicológicas derivam em um grau significativo das questões subjetivas de seus criadores, o que a psicanálise e a psicologia da personalidade precisavam era de uma teoria da subjetividade em si mesma – um arcabouço unificador capaz de dar conta não apenas dos fenômenos psicológicos que as outras teorias abordam como também para as próprias teorias.

No último capítulo de Faces delineamos um conjunto de propostas para a criação de tal arcabouço que chamamos de fenomenologia psicanalítica, um termo que nunca vingou. Influenciados pelos escritos de G. Klein (1976) e Schafer (1976), vislumbramos este arcabouço como uma psicologia profunda da experiência pessoal, purificada de reificações mecanicistas da metapsicologia freudiana. Nosso arcabouço tomou o “mundo representacional”<sup>4</sup> subjetivo (Sandler e Rosenblatt, 1962) do indivíduo como sua construção teórica central. Partimos do pressuposto de não haver uma agência psíquica impessoal ou instâncias motivacionais primários para explicar o mundo representacional. Em vez disso, conjecturamos que este mundo evoluiu organicamente do encontro do indivíduo com as experiências formativas fundamentais que constituem a sua singular história de vida. Uma vez estabelecido, torna-se perceptível nos característicos padrões recorrentes, temas e significados invariantes que pré-reflexivamente organizam as experiências do indivíduo. A fenomenologia psicanalítica implicou um conjunto de princípios interpretativos para investigar a natureza, as origens, as motivações, e as transformações das configurações de self e outro que permeiam o universo subjetivo do indivíduo (veja, por exemplo, Stolorow, 1978<sup>a</sup>, 1979; Atwood e Stolorow, 1980, 1981, 1984; Stolorow e Atwood, 1982, 1984).

Embora o conceito de intersubjetividade não tenha sido introduzido na primeira edição de Faces, ele estava claramente implícito nas manifestações de como o mundo pessoal, subjetivo de um teórico da personalidade influencia na sua compreensão das vivências de outro indivíduo; uma seção no capítulo introdutório tem o subtítulo “O observador é o observado” (p. 17). O primeiro uso explícito do termo intersubjetivo em nosso trabalho apareceu em um artigo intitulado “The Representational World in Psychoanalytic Theory” (Stolorow, Atwood e Ross, 1978), também concluído em 1976, ao qual Aron creditou o mérito de ter introduzido o conceito de intersubjetividade no discurso psicanalítico americano. Numa seção com o subtítulo “Transference and Countertransference:

---

<sup>4</sup> Posteriormente, abandonamos o termo mundo representacional porque o questionamento incisivo de nossos alunos nos ajudou a ter a percepção de que estava sendo usado para se referir tanto ao conteúdo imagético da experiência quanto à estruturação temática da experiência. Por isso, decidimos usar mundo subjetivo para descrever conteúdos da experiência e estruturas da subjetividade para designar princípios invariantes organizando pré-reflexivamente esses conteúdos ao longo de linhas temáticas particulares.

An Intersubjective Perspective” (p. 249) conceituamos o interjogo entre transferência e contratransferência no tratamento psicanalítico como um processo intersubjetivo refletindo a interação mútua entre os mundos subjetivos diferentemente organizados de paciente e analista.<sup>5</sup>

Um ponto nodal no meu desenvolvimento profissional ocorreu em 1977 quando o departamento de resenha da revista Contemporary Psychology convidou-me para resenhar o novo livro de Kohut (1977), A Restauração do Self, um convite que aceitei de bom grado. Fui imediatamente atraído pelo caráter revolucionário de suas propostas teóricas em que ele estava jogando fora os grilhões da metapsicologia clássica e reformulava a psicanálise como “uma fenomenologia do desenvolvimento do self”, como eu a chamava na minha resenha (Stolorow, 1978b, p. 229). Este novo paradigma teórico, enfatizando a centralidade motivacional da experiência de self, parecia se encaixar como uma luva com as sugestões para uma fenomenologia psicanalítica que Atwood e eu tínhamos estabelecido em Faces. Kohut estava tentando, assim como nós, reformular a psicanálise como uma psicologia pura.

A discussão de Kohut do modo de observação empático-introspectivo no último capítulo de A Restauração do Self levou-me ao seu artigo original (Kohut, 1959) sobre o assunto, que eu não havia lido antes. Este artigo, que alegava que os domínios empíricos e teóricos da psicanálise são definidos e delimitados por seu modo empático-introspectivo de investigação, tornou-se o meu preferido dos trabalhos de Kohut. O que foi intensamente confirmador para mim foi que Kohut, ao estudar a relação entre modo de observação e teoria em psicanálise, tinha chegado exatamente à mesma conclusão que Atwood e eu ao estudarmos as origens subjetivas de teorias psicológicas - ou seja, que a psicanálise, em todos os níveis de abstração e generalidade, deve ser uma psicologia profunda da experiência pessoal.

Meu primeiro contato pessoal com Kohut surgiu como resultado de minha leitura de A Restauração do Self. Citando dois artigos (Stolorow, 1976; Stolorow e Atwood, 1976) em que eu tinha mostrado como as suas conceituações do

---

<sup>5</sup> Nosso uso da expressão intersubjetivo nunca pressupõe a conquista do pensamento simbólico, de um conceito de si mesmo como sujeito, de relacionalidade intersubjetiva no sentido de Stern (1985), ou de reconhecimento mútuo como descrito por Benjamin (1995). Também não confinamos nosso uso ao reino da comunicação não verbal afetiva inconsciente, como Ogden (1994) parece fazer. Usamos intersubjetivo muito amplamente, para se referir a qualquer campo psicológico formado por mundos de experiência em interação, em qualquer nível de desenvolvimento em que esses mundos possam estar organizados. Para nós, intersubjetivo denota nem um modo de vivenciar, nem um compartilhar de experiências, porém a pré-condição contextual para ter qualquer experiência. Na nossa visão, campos intersubjetivos e mundos experienciais são equiprimordiais, constituindo mutuamente um ao outro em forma circular.

narcisismo e das transferências narcísicas lançavam luz sobre os trabalhos de Rogers e Rank, Kohut, no prefácio do livro, erroneamente me incluiu entre um grupo de críticos que o recriminaram por não reconhecer suficientemente as contribuições prévias de outros. Escrevi-lhe uma nota expressando a minha surpresa com isso e afirmando que eu era um admirador amigável, não um adversário. Com um pequeno atraso, ele me enviou uma resposta cordial, pedindo desculpas por seu erro. Logo depois, enviei-lhe um rascunho da minha resenha do seu livro, e ele, por sua vez, me enviou uma carta expressando sua gratidão. Desconfio que foi a minha resenha e a apreciação de Kohut dela que me levou a ser convidado para falar na primeira Conferência Nacional da Psicologia do Self, em Chicago, em 1978.

Minha participação neste tipo de conferência e em outras subseqüentes foi extremamente importante para mim. Naquela época, para um analista não-médico como eu, ainda marginalizado pelo establishment psicanalítico, não havia nenhum outro fórum importante para discutir minhas idéias (a American Psychological Association ainda não tinha uma divisão de psicanálise) e nenhum outro contexto em que eu poderia dialogar com analistas de todo os Estados Unidos e do mundo. Continuo a valorizar minhas boas amizades com os colegas no movimento da psicologia do self (inclusive com Kohut antes dele morrer em 1981), apesar de minhas objeções a alguns aspectos da teoria kohutiana, tais como: suas reificações da experiência de self; sua doutrina reducionista de “defeitos do self” (Atwood e Stolorow, 1997); e sua tentativa de generalizar insights importantes sobre a psicologia do narcisismo em uma teoria da personalidade total e a totalidade das transferências analíticas.

Outro ponto nodal na minha formação psicanalítica ocorreu em 1979, quando, na Segunda Conferência Nacional da Psicologia do Self em Los Angeles, eu ouvi Bernard Brandchaft apresentar um trabalho sobre reações terapêuticas negativas, atribuindo essas experiências disruptivas dos pacientes na transferência à contribuição da postura interpretativa errônea do analista (veja Brandchaft, 1983). Eu tinha comigo as provas de uma seção de Psicanálise das Paradas do Desenvolvimento com o sub-título “A ação terapêutica e anti-terapêutica da Psicanálise” que continha uma observação semelhante, e eu as mostrei ansiosamente a Brandchaft. Sentimos ambos imediatamente uma afinidade intelectual e logo a seguir ele me convidou para apresentar um trabalho em uma conferência sobre a personalidade borderline, programada pela Universidade da Califórnia para o ano seguinte. Eu aceitei, sugerindo que escrevêssemos o trabalho juntos. Bernie concordou, e durante as discussões que se seguiram entre nós, aprendemos que, de forma independente, havíamos feito observações quase idênticas sobre os chamados estados borderline. Descobrimos que quando um paciente muito vulnerável, arcaicamente organizado, é tratado de acordo com as idéias teóricas e recomendações técnicas oferecidas por Kernberg

(1975), aquele paciente logo apresentará todas as características atribuídas por Kernberg à organização borderline da personalidade, e as páginas dos livros de Kernberg ganharão vida diante dos olhos do clínico. Por outro lado, quando tal paciente é tratado de acordo com a teoria e postura técnica proposta por Kohut (1971), esse paciente logo apresentará as características atribuídas por Kohut ao distúrbio narcísico da personalidade, e os livros de Kohut ganharão vida. No nosso trabalho (Brandchaft e Stolorow, 1984), afirmamos que os estados borderline se moldam em um campo intersubjetivo, co-constituído pelas estruturas psicológicas do paciente e a forma como estas são compreendidas e respondidas pelo terapeuta. Assim comecei minha amizade próxima com Bernie e uma série de estudos colaborativos (Atwood e Stolorow, 1984; Stolorow, Brandchaft, e Atwood, 1983, 1987) em que Atwood, Brandchaft e eu estendemos nossa perspectiva intersubjetiva para uma ampla gama de fenômenos clínicos, incluindo desenvolvimento e patogênese, transferência e resistência, formação de conflitos emocionais, sonhos, enactments, sintomas neuróticos, e estados psicóticos. Em cada caso, os fenômenos que tradicionalmente tinham sido o foco da investigação psicanalítica não foram compreendidos como produtos de mecanismos intrapsíquicos isolados, mas como se formando na interface de mundos subjetivos em interação. O contexto intersubjetivo, afirmamos, desempenha um papel constitutivo em todas as formas de psicopatologia, e fenômenos clínicos não podem ser compreendidos psicanaliticamente fora do campo intersubjetivo em que cristalizam. No tratamento psicanalítico, como Kohut (1984) também enfatizou, o impacto do observador foi apreendido como algo intrínseco ao observado.<sup>6</sup>

De 1976 até que me transferi para Los Angeles em 1984, fui docente na faculdade de pós-graduação de psicologia do Albert Einstein College of Medicine, onde mais dois colegas tiveram um impacto decisivo no meu desenvolvimento. Beatrice Beebe, que se tornou uma boa amiga e colaboradora por um tempo (Lachmann, Beebe, and Stolorow, 1987) me apresentou à pesquisa com bebês e ao pensamento da teoria dos sistemas dinâmicos de Thelen e Smith (1994), os quais contribuíram de forma importante para a minha compreensão dos contextos intersubjetivos do desenvolvimento psicológico (Atwood e Stolorow, 1984) e mudança no desenvolvimento (Stolorow, 1987). John Munder Ross também se tornou um amigo, colaborou com o artigo mencionado anteriormente em que a frase perspectiva intersubjetiva apareceu pela primeira vez e, fadidamente, me apresentou a Charles Socarides e a sua filha, Daphne. Dede, como era chamada pelos amigos e entes queridos, tornou-se tanto minha colaboradora como minha

---

<sup>6</sup> Como um benefício adicional da colaboração com Bernie, minha sensibilidade clínica foi permanentemente enriquecida por sua (Brandchaft, 1993) conceituação de uma ampla classe de princípios organizadores que ele chama de estruturas patológicas de adaptação.

esposa. Nosso primeiro artigo conjunto “Affects and selfobjects” (Socarides e Stolorow, 1984/85) que refletia seu ilimitado amor por afeto, foi uma tentativa de integrar nossa perspectiva intersubjetiva em evolução com o referencial da psicologia do self. Em nossa proposta de expansão e refinamento do conceito selfobjeto de Kohut (1971), sugerimos que “as funções selfobjeto dizem respeito fundamentalmente à integração do afeto” na organização da experiência de self, e que a necessidade de vínculos selfobjeto “refere-se mais centralmente à necessidade de responsividade {sintonizada} ao afeto em todas as fases do ciclo da vida” (p. 105). As discussões de Kohut sobre o anseio de espelhamento, por exemplo, apontavam para o papel da sintonia sensibilizada para a integração dos estados afetivos de expansão, ao passo que suas descrições do anseio idealizador indicavam a importância do holding emocional sintonizado (Winnicott, 1965) na integração dos estados afetivos reativos dolorosos. Nesse artigo, a experiência emocional foi apreendida como sendo inseparável dos contextos intersubjetivos da sintonia e da falta de sintonia em que foi sentida. Esse entendimento levou, em trabalhos posteriores, a formulações adicionais contextualizando o conflito psicológico e o próprio limite entre consciência e inconsciente (Stolorow e Atwood, 1992). A chamada barreira de recalçamento tornou-se passível de ser compreendida como uma propriedade emergente de sistemas dinâmicos intersubjetivos.

Em essência, o artigo com Dede propôs uma mudança a partir do primado motivacional da pulsão para o primado motivacional da afetividade, um deslocamento teórico que move a psicanálise em direção a um contextualismo fenomenológico e a um foco central em sistemas intersubjetivos dinâmicos. Diferentemente das pulsões que se originam no fundo de um interior de um aparelho mental isolado, o afeto – isto é, a experiência emocional subjetiva – é algo que desde o nascimento é regulada, ou desregulada, dentro de sistemas relacionais contínuos. Portanto, localizar o afeto no centro motivacional implica automaticamente uma contextualização radical de todos os aspectos da vida psicológica humana e do processo terapêutico.

Daphne Socarides morreu em 23 de fevereiro de 1991, quatro semanas após seu câncer ter sido diagnosticado. Durante o verão daquele ano, na esteira da perda devastadora, George Atwood e eu esboçamos nosso livro Contexts of Being: The Intersubjective Foundations of Psychological Life (Stolorow e Atwood, 1992). Como dissemos no prefácio, “Nos aproximamos e decidimos criar algo duradouro a partir das cinzas de perda e tristeza”(p. xi). Nesse livro, nossa perspectiva intersubjetiva se ampliou em uma varredura metodológica e perspectiva epistemológica convocando uma revisão radical de todos os aspectos do pensamento psicanalítico. Enquanto nosso trabalho anterior havia trazido para o foco as implicações desta perspectiva para uma série de questões clínicas, Contexts ampliou o princípio da intersubjetividade para uma reflexão e

contextualização dos pilares fundamentais da teoria psicanalítica, incluindo o conceito de inconsciente, a relação entre mente e corpo, o conceito de trauma, e a compreensão da fantasia.

Além de George e eu, outros colaboradores contribuíram de forma importante para o livro. O capítulo sobre fantasia foi uma versão revisada de um artigo que Dede havia escrito comigo (Stolorow e Stolorow, 1989), mostrando como uma fantasia introjetada concretiza vividamente um processo intersubjetivo de usurpação psicológica – uma realidade perceptual alienante é substituída por uma experiência própria sentida como inválida. Meus bons amigos Bernie Brandchaft e Jeffrey Tropp cada um foi co-autor de capítulos sobre a aliança terapêutica e o impasse terapêutico, respectivamente. O capítulo que mais diretamente refletiu o impacto de perder Dede, o capítulo sobre trauma, foi co-escrito com Sheila Namir, a melhor amiga de Dede. Sheila pediu que ela não fosse mencionada como co-autora do capítulo, porque ela queria que sua contribuição fosse um presente para mim, assim como uma homenagem a Dede. O capítulo propunha que o cerne do trauma psicológico é a profunda falta de um lar relacional para o feto doloroso, que então se torna esmagador e insuportável. A pessoa que eu esperaria que suportasse minha dor esmagadora era a mesma pessoa que havia partido. Senti que somente George, cujo próprio mundo havia sido devastado pela perda quando ele era um menino, realmente apreendeu minha devastação emocional.

Donna Orange se juntou à colaboração em 1995 e logo também se tornou uma amiga querida. Com doutorados em psicologia e filosofia, Donna ampliou a dimensão filosófica explícita de nosso arcabouço em evolução. Nosso primeiro projeto em colaboração começou com a idéia de um manual clínico, entretanto ele logo se transformou em um livro, oferecendo uma ampla filosofia da prática psicanalítica que chamamos contextualismo (Orange, Atwood, e Stolorow, 1997). Baseando-se na experiência filosófica de Donna, este livro realçou a importância da sabedoria prática (a phronesis de Aristóteles) ao invés da racionalidade técnica (tecné) no trabalho psicanalítico, e enfatizou que a nossa perspectiva intersubjetiva pressupõe a natureza hermenêutica, perspectivista, e, portanto, falível de toda a compreensão e saber psicanalítico (Veja também Orange, 1995).

Trabalhos posteriores de nós três se concentraram mais explicitamente nos fundamentos filosóficos da teoria e prática psicanalítica. Em uma série de artigos (Stolorow, Atwood, e Orange, 1999; Stolorow, Orange e Atwood, 2001<sup>a</sup>, 2001<sup>b</sup>), mostramos como uma série de pontos de vista tradicionais e contemporâneos da psicanálise foram embasados pela doutrina filosófica da mente isolada de Descartes, e tentamos deslocar a psicanálise em direção a um contextualismo pós-cartesiano que reconhece o papel constitutivo da

relacionalidade na construção de toda a experiência, incluindo experiências de aniquilamento e desintegração do mundo individual (Atwood, Orange e Stolorow, 2002). Esses e outros artigos foram reunidos em nosso livro, Worlds of Experience: Interweaving Philosophical and Clinical Dimensions in Psychoanalysis (Stolorow, Atwood, e Orange, 2002).

A última, mas não menos importante colaboração que desejo relatar é com Julia Schwartz que me foi apresentada por uma amiga querida, Estelle Shane. Julia acendeu uma vela no mundo escuro do meu luto, e nos casamos em 1994. Ao longo de um período de seis anos após a morte de Dede, refletindo sobre o profundo sentimento de alienação e de isolamento que foi uma característica central da minha experiência de perda traumática, cheguei a uma compreensão mais profunda do trauma psicológico que eu pensei que poderia ser benéfica para outros, e sobre a qual eu queria escrever. Discuti isso com Julia, dizendo que eu sentia que precisava escrever sobre a minha compreensão autobiograficamente. Foi somente com o firme apoio e incentivo de Julia que fui capaz de escrever esse artigo (Stolorow, 1999), no qual conclui que o trauma psicológico é, fundamentalmente, uma demolição “dos absolutismos sustentadores da vida cotidiana” (p. 467) – uma perda catastrófica da inocência expondo a “insuportável inserção de ser” (Stolorow e Atwood, 1992, p. 22), a inescapável contingência da existência em um universo que é aleatório e imprevisível e no qual nenhuma segurança ou continuidade de ser pode ser assegurada. Como resultado, eu afirmo, o indivíduo traumatizado não pode deixar de perceber aspectos da existência que se encontram bem fora dos horizontes absolutizados do cotidiano normal. Consequentemente, os mundos experienciais de indivíduos traumatizados são sentidos como sendo essencialmente incomensuráveis com os dos outros, o profundo abismo em que um angustiante senso de singularidade e solidão se forma.

Posteriormente, Julia e eu estendemos essas idéias juntos, sendo co-autores de um artigo sobre o impacto do trauma na fase pré-simbólica (Schwartz e Stolorow, 2001). Baseando-nos em um dos casos analíticos de Julia, ilustramos as conseqüências por toda a vida de violações traumáticas durante o primeiro ano de vida, despedaçando o senso de integridade e inviolabilidade pré-simbólica da existência física de um paciente. Mais recentemente, mais uma vez com a ajuda de Julia, terminei um artigo sobre trauma e temporalidade, mostrando como o trauma destrói o próprio sentido de estar-no-tempo (Stolorow, 2003).

### Comentários Finais

A maioria das teorias psicanalíticas tem sido a criação de um único gênio trabalhando, essencialmente, em isolamento, apesar dos discípulos que o

admiram. A nossa teoria de sistemas intersubjetivos, ao contrário, ao longo de sua evolução tem se formado em um complexo, ricamente variado nexos de relações profundas e colaborativas.<sup>7</sup> Acredito que isto explique, em parte, sua maior generalidade e inclusividade. Como George Atwood gosta de dizer, o processo pelo qual a nossa perspectiva intersubjetiva está sendo criada é um tratado do seu princípio básico – o pressuposto de que todos os produtos psicológicos humanos se cristalizam dentro de sistemas constituídos por mundos de experiência diferentemente organizados em interação. Tem sido uma crença compartilhada pelos colaboradores da teoria da intersubjetividade que, quando se trata de teorização psicanalítica, muitos mundos experienciais são melhores do que um.

## REFERÊNCIAS

- Aron, L. (1996), A Meeting of Minds. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Atwood, G. E., Orange, D. M., & Stolorow, R. D. (2002), Shattered worlds/psychotic states: A post-Cartesian view of the experience of personal annihilation. Psychoanal. Psychol., 19:281-306.
- & Stolorow, R. D. (1980), Psychoanalytic concepts and the representational world. Psychoanal. & Contemp. Thought, 3:267-290.
- (1981), Experience and conduct. Contemp. Psychoanal., 17:197-208.
- (1984), Structures of Subjectivity: Explorations in Psychoanalytic Phenomenology. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- (1997), Defects in the self: Liberating concept or imprisoning metaphor? Psychoanal. Dial., 7:517-522.
- & Tomkins, S. (1976), On the subjectivity of personality theory. J. Hist. Behav. Sci., 12:166-177.

---

<sup>7</sup> Como um adendo, acrescento aqui alguns breves comentários sobre a contribuição de aspectos do meu desenvolvimento inicial (iluminados na minha análise com Alexander Wolf) por minha atração por dois princípios básicos da teoria de sistemas intersubjetivos – sua epistemologia perspectivista e sua colocação do afeto no centro da vida psicológica. Meu pai foi um homem que acreditava e insistia que ele tinha uma visão olho-de-Deus (Putnam, 1990) da verdade e da realidade, e minhas lutas contra tal arrogância contribuíram de forma importante para a minha defesa de uma igualdade epistemológica na situação psicanalítica. Além disso, o afeto do meu pai dominava de tal maneira o mundo da minha mãe que eu frequentemente me sentia apagado emocionalmente, e a vitalidade emocional dela parecia, em grande parte, encapsulada atrás de um muro de depressão. A busca pela vitalidade afetiva – tanto a minha própria e a de minha mãe – tornou-se um tema premente na minha vida, uma busca do qual o meu enquadre psicanalítico, inevitavelmente, tornou-se herdeiro.

- Benjamin, J. (1995), Like Subjects, Love Objects. New Haven, CT: Yale University Press.
- Brandchaft, B (1983), The negativism of the negative therapeutic reaction and the psychology of the self. In: The Future of Psychoanalysis, ed. A. Goldberg. Madison, CT: International Universities Press, pp. 327-359.
- (1993), To free the spirit from its cell. In: The Intersubjective Perspective, ed. R. D. Stolorow, G. E. Atwood, & B. Brandchaft. Northvale, NJ: Aronson, 1994, pp. 57-76.
- & Stolorow, R. D. (1984), The borderline concept: Pathological character or iatrogenic myth? In: Empathy II, ed. J. Lichtenberg, M. Bornstein, & D. Silver. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, pp. 333-357.
- Kernberg, O. F. (1975). Borderline Conditions and Pathological Narcissism. Northvale, NJ: Aronson.
- Klein, G. S. (1976), Psychoanalytic Theory. Madison, CT: International Universities Press.
- Kohut, H. (1959), Introspection, empathy, and psychoanalysis. J. Amer. Psychoanal. Assn., 7:459-483.
- (1966), Forms and transformations of narcissism. J. Amer. Psychoanal. Assn., 14:243-272.
- (1968), The psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders. Psychoanal. Study Child, 23:86-113.
- (1971), The Analysis of the Self. Madison, CT: International Universities Press.
- (1977), The Restoration of the Self. Madison, CT: International Universities Press.
- (1984), How Does Analysis Cure? ed. A. Goldberg & P. Stepansky. Chicago: University of Chicago Press.
- Lachmann, F. M., Beebe, B., & Stolorow, R. D. (1987), Increments of separation in the consolidation of the self. In: The Psychology of Separation and Loss, ed. J. & S. Bloom-Feshbach. San Francisco: Jossey-Bass, pp. 396-415.
- Murray, H. A. (1938), Explorations in Personality. New York: Science Editions, 1962.
- Ogden, T. (1994), Subjects of Analysis. Northvale, NJ: Aronson.
- Orange, D. M. (1995), Emotional Understanding. New York: Guilford Press.
- Atwood, G. E., & Stolorow, R. D. (1997), Working Intersubjectively: Contextualism in Psychoanalytic Practice. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Putnam, H. (1990), Realism with a Human Face. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Sandler, J. & Rosenblatt, B. (1962), The concept of the representational world. Psychoanal. Study Child, 17:128-145.
- Schafer, R. (1976), A New Language for Psychoanalysis. New Haven, CT: Yale University Press.
- Schwartz, J. M. & Stolorow, R. D. (2001), Trauma in a presymbolic world. Psychoanal. Psychol., 18:380-387.
- Socarides, D. D. & Stolorow, R. D. (1984/85), Affects and selfobjects. Ann. Psychoanal., 12/13:105-119.
- Stern, D. (1985), The Interpersonal World of the Infant. New York: Basic Books.
- Stolorow, D. D. & Stolorow, R. D. (1989), My brother's keeper: Intensive treatment of a case of delusional merger. Internat. J. Psycho-Anal., 70:315-326.
- Stolorow, R. D. (1969), Anxiety and defense from three perspectives. Psychiat. Quart., 43:685-710.
- (1975a), The narcissistic function of masochism (and sadism). Internat. J. Psycho-Anal., 56:441-448.
- (1975b), Toward a functional definition of narcissism. Internat. J. Psycho-Anal., 56:179-185.
- (1976), Psychoanalytic reflections on client-centered therapy in the light of modern conceptions of narcissism. Psychother., 13:26-29.
- (1978a), The concept of psychic structure: Its metapsychological and clinical psychoanalytic meanings. Internat. Rev. Psycho-Anal., 5:313-320.
- (1978b), The restoration of psychoanalysis (book review of The Restoration of the Self, by H. Kohut). Contemp. Psychol., 23:229-230.
- (1979), Psychosexuality and the representational world. Internat. J. Psycho-Anal., 60:39-45.
- (1997), Dynamic, dyadic, intersubjective systems: An evolving paradigm for psychoanalysis. Psychoanal. Psychol., 14:337-346.
- (1999), The phenomenology of trauma and the absolutisms of everyday life: A personal journey. Psychoanal. Psychol., 16:464-468.
- (2003), Trauma and temporality. Psychoanal. Psychol., 20:158-161.
- & Atwood, G. E. (1973), Messianic projects and early object-relations. Amer. J. Psychoanal., 33:213-215.
- (1976), An ego-psychological analysis of the work and life of Otto Rank in the light of modern conceptions of narcissism. Internat. Rev. Psycho-Anal., 3:441-459.
- (1979), Faces in a Cloud: Subjectivity in personality theory. Northvale, NJ: Aronson.

- (1982), Psychoanalytic phenomenology of the dream. Ann. Psychoanal., 10:205-220.
- (1984), Psychoanalytic phenomenology: Toward a science of human experience. Psychoanal. Ing., 4:87-105.
- (1992), Contexts of Being: The Intersubjective Foundations of Psychological Life. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- & Orange, D. M. (1999), Kohut and contextualism: Toward a post-Cartesian psychoanalytic theory. Psychoanal. Psychol., 16:380-388.
- (2002), Worlds of Experience: Interweaving Philosophical and Clinical Dimensions in Psychoanalysis. New York: Basic Books.
- & Ross, J. M. (1978), The representational world in psychoanalytic therapy. Internat. Rev. Psycho-Anal., 5:247-256.
- Brandchaft, B., & Atwood, G. E. (1983), Intersubjectivity in psychoanalytic treatment: With special reference to archaic states. Bull. Menninger Clin., 47:117-128.
- (1987), Psychoanalytic Treatment: An Intersubjective Approach. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- & Lachmann, F. M. (1980), Psychoanalysis of Developmental Arrests: Theory and Treatment. Madison, CT: International Universities Press.
- (1984/85), Transference: The future of an illusion. Ann. Psychoanal., 12/13:19-37.
- Orange, D. M., & Atwood, G. E. (2001a), Cartesian and post-Cartesian trends in relational psychoanalysis. Psychoanal. Psychol., 18:468-484.
- (2001b), World horizons: A post-Cartesian alternative to the Freudian unconscious. Contemp. Psychoanal , 37:43-61.
- Thelen, E. & Smith, L. (1994), A Dynamic Systems Approach to the Development of Cognition and Action. Cambridge, MA: MIT Press.
- White, R. W. (1987), A Memoir. Marlborough, NH: Homestead Press.
- Winnicott, D. W. (1965), The Maturational processes and the Facilitating Environment. Madison, CT: International Universities Press.

2444 Wilshire Blvd., #624  
 Santa Monica, CA 90403  
 (310) 453-9020